

SONDAGEM Industrial

Ano 5, nº 2, abril/junho 2002

Suplemento Especial

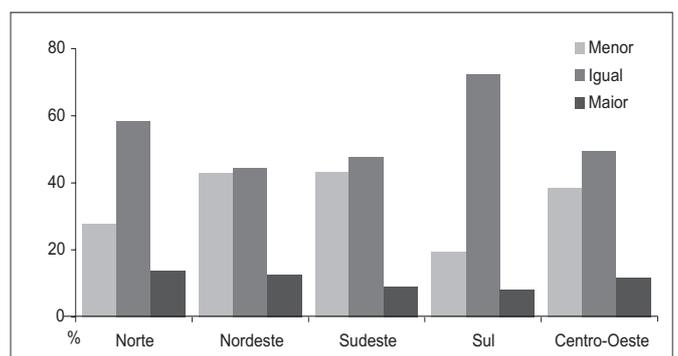
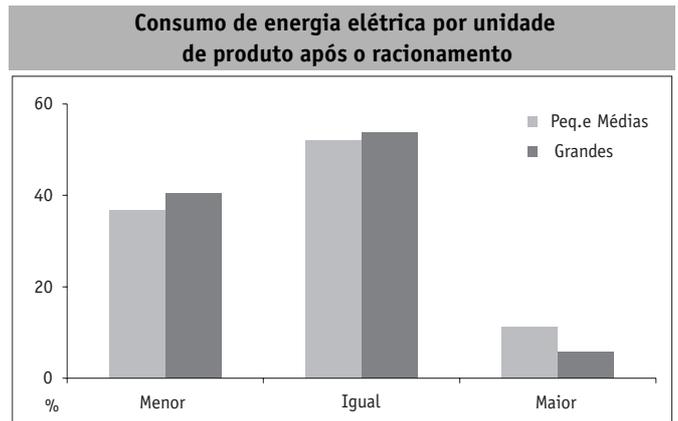
Um ano após a crise energética

Um ano após o início do racionamento de energia elétrica, que vigorou entre junho do ano passado e fevereiro deste ano, pouco mais da metade das empresas industriais brasileiras não parece ter sofrido impactos negativos importantes. Como decorrência da crise, uma parcela expressiva, embora não majoritária, das empresas tornou-se mais eficiente no uso de energia elétrica, reduzindo o consumo por unidade de produto. A principal medida adotada para isso foi a aquisição de aparelhos e equipamentos mais econômicos. Isso explica em parte porque, a despeito do aumento do custo unitário da energia elétrica, em cerca de 60% das empresas não houve aumento da participação dos custos com energia elétrica nos custos totais de produção. Os planos de investimentos tampouco foram afetados na maior parte das vezes e, nos casos em que houve alteração, foram redirecionados com mais frequência do que reduzidos. Por outro lado, só a minoria acredita que a crise energética esteja definitivamente superada. Os resultados da pesquisa foram levantados em uma enquete especial da Sondagem Industrial do 2º trimestre de 2002, que consultou 1.159 pequenas e médias e 238 grandes empresas de todo o Brasil.

Foi expressiva a participação das empresas que se tornaram mais eficientes com o racionamento

O racionamento de energia elétrica, que excluiu apenas a Região Sul, não chegou a provocar um aumento generalizado na eficiência com que o insumo é utilizado pelas indústrias. Contudo foi significativa a participação das empresas que declararam ter reduzido o consumo de energia elétrica por unidade de produto mesmo entre as pequenas e médias, esse percentual chegou a 37% e, entre as grandes, a 41%.

O aumento da eficiência no uso da energia elétrica foi mais freqüente nas regiões de racionamento mais intenso, como Nordeste e Sudeste (43% das empresas) e inferior a 20% na Região Sul. Os setores de Material Elétrico, Metalúrgica, Borracha e Têxtil se destacam como aqueles onde a participação de empresas que reduziram o consumo de energia elétrica por unidade de produto foi superior a 40%.



Consumo de energia por unidade produzida

Percentual de respostas

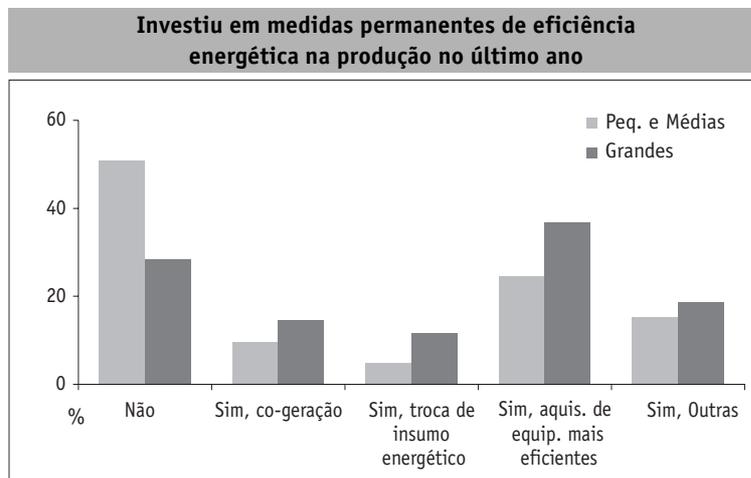
Redução de consumo

Majores		Menores	
Material elétrico	47	Papel e papelão	19
Metalúrgica	45	Couros e Peles	19
Borracha	43	Madeira	26
Mecânica	42	Matérias plásticas	28
Têxtil	41	Mín. não metálicos	35

O setor de Material Elétrico, em particular, destaca-se como o único onde a participação das empresas que reduziram o consumo superou a das que mantiveram-no estável. No outro extremo, nos setores de Papel e Papelão, Couros e Peles, Matérias Plásticas e Madeira, essa participação se reduziu a menos de 30%.

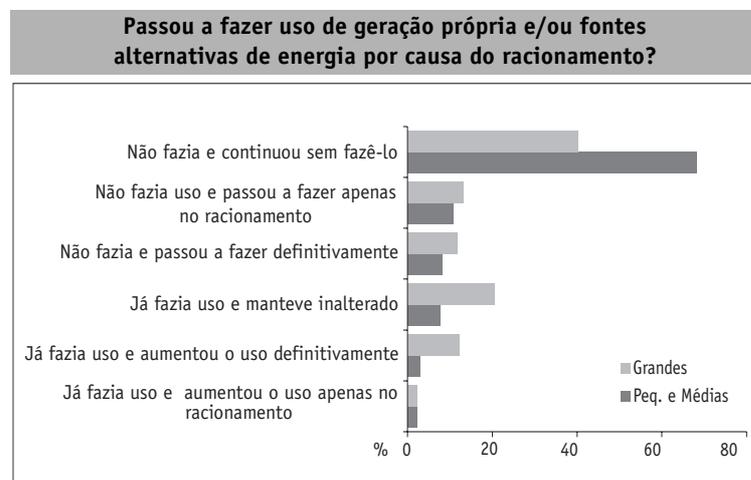
Compra de máquinas econômicas foi a medida mais adotada

Para aumentar a eficiência no uso de energia elétrica na produção, 72% das grandes empresas e 49% das pequenas e médias investiram ao longo do último ano. A medida mais frequentemente adotada pelas empresas que investiram foi a aquisição de aparelhos e equipamentos mais eficientes. A geração de energia durante o próprio processo produtivo (co-geração) foi a segunda medida específica mais citada e foi mais comum entre as grandes empresas do que entre as pequenas e médias. Já a troca do insumo energético foi um recurso relativamente menos utilizado, especialmente pelas empresas de menor porte. Também foram mencionados, como medidas de redução do consumo de energia elétrica na produção, investimentos em redimensionamento da rede interna, reestruturação das instalações e processo de fabricação. O corte setorial mostra que a compra de máquinas econômicas foi a medida adotada com mais frequência em praticamente todos os setores, mas com assinalações particularmente elevadas em Borracha (36%) e Papel e Papelão (33%). As exceções ocorreram nos setores de Borracha e Matérias Plásticas, onde as indicações de outras medidas adotadas foram tão ou mais elevadas (36% e 27%, respectivamente).



Permite respostas múltiplas

A geração própria e o uso de fontes alternativas de energia foi uma estratégia menos comum que o investimento em aumento de eficiência como forma de enfrentar o racionamento. Confirmando os resultados obtidos na Sondagem de jul./set. 2001, a maioria das pequenas e médias empresas (68%) não fez uso de geração própria ou de fontes alternativas de energia durante o racionamento. Entre as grandes empresas esse percentual foi de 40%. O racionamento só alterou de forma definitiva a utilização de geração própria ou fontes alternativas de energia de 11% das pequenas e médias empresas e de 24% das grandes. Nos demais casos, ou bem não houve mudança, ou as mudanças foram revertidas após o fim do racionamento. Os setores onde mais de 50% fizeram uso de fontes alternativas ou geração própria foram Papel e Papelão, Borracha, Couros e Peles, Química, Produtos Farmacêuticos e Produtos Alimentares.



Para a maioria das empresas não aumentou o peso da energia no custo total de produção

A despeito da alta do custo unitário da energia elétrica com o racionamento, mais de 50% das empresas afirmaram que não houve aumento da participação do gasto com energia elétrica no custo total de produção. Para 35% das pequenas e médias e 34% das grandes, a participação do gasto não se alterou e para 26 e 25%,

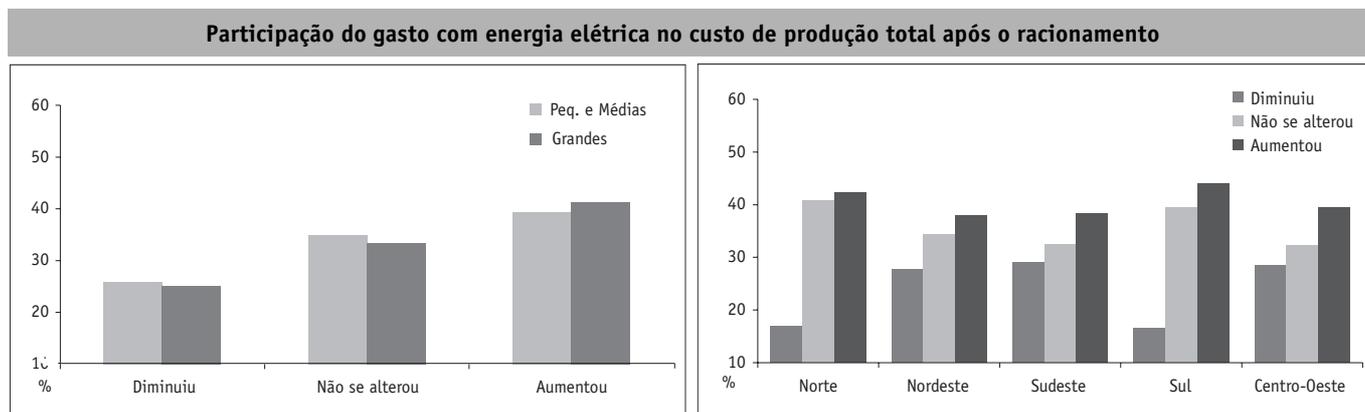
Participação do gasto com energia elétrica no custo de produção total após o racionamento

Percentual de respostas

Diminuiu e Não se alterou			
Majores		Menores	
Material elétrico	73	Têxtil	43
Vestuário e calçados	72	Matérias plásticas	51
Mecânica	71	Madeira	54
Química	65	Bebidas	54
Papel e papelão	59	Minerais não metálicos	55

respectivamente, a participação se reduziu. Não obstante, foi também expressiva a participação das empresas que reportaram aumento dos gastos relativos com energia: 39% das pequenas e médias e 41% das grandes.

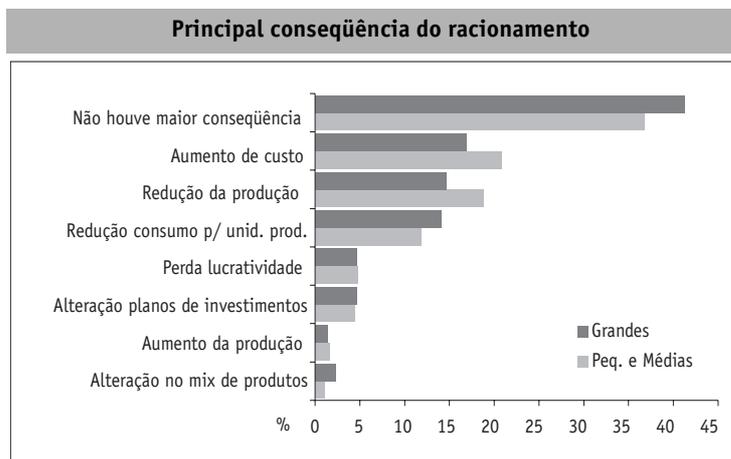
As Regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, mais atingidas pelo racionamento, foram também aquelas com maior participação de empresas que não sofreram aumento relativo do custo da energia elétrica. Dentre os setores, Mecânica e Material Elétrico se encontram entre os menos afetados pelo aumento da participação dos custos com energia elétrica. No setor de Material Elétrico, em particular, 40% das empresas assinalaram redução da participação, um aparente resultado dos ganhos de eficiência também mais frequentes nesse setor. No outro extremo se encontra o setor Têxtil, onde mais de 50% das empresas constataram aumento da participação dos gastos relativos com energia elétrica.



Impacto final do racionamento foi pequeno ou positivo para mais de metade das empresas

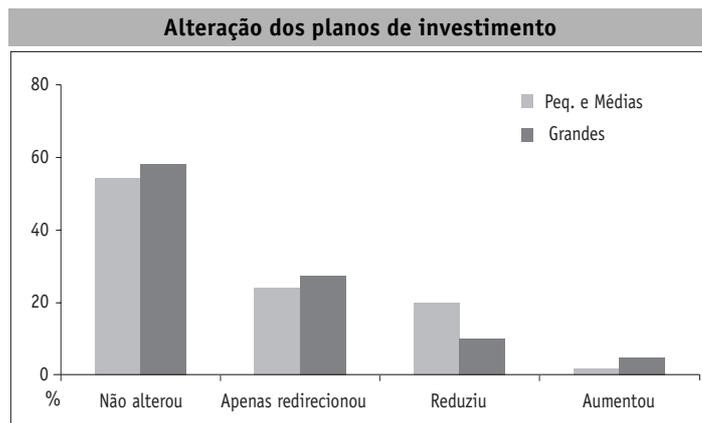
Solicitadas a apontar a principal consequência do racionamento, 37% das pequenas e médias e 41% das grandes empresas declararam que o racionamento não trouxe consequências significativas para suas atividades produtivas. Adicionalmente, 14% das pequenas e médias e 15% das empresas de maior porte apontaram como principal consequência resultados positivos, como redução do consumo de energia elétrica por unidade de produto e aumento da produção. Esses resultados sugerem que para mais de metade das empresas o impacto final do racionamento foi pequeno ou positivo. O aumento de custo foi apontado como principal consequência por 21% das pequenas e médias e 17% das grandes empresas e a redução da produção por 19% e 15%, respectivamente.

Os resultados são bastante diversificados regional e setorialmente. No Sul, 64% das empresas afirmam não ter sofrido maiores consequências, participação que cai para 29% no Sudeste. Dentre os setores, os menos afetados foram Material de Transporte, Papel e Papelão e Couros e Peles, todos com 60% ou mais das empresas declarando ausência de impactos significativos. Os mais intensivos em energia elétrica reportaram com mais frequência queda na produção, como Material Elétrico (31% das empresas), Metalúrgica (25%) e Borracha (25%). O aumento de custo foi apontado como a principal consequência pelos setores de Produtos Farmacêuticos (39%), Bebidas (38%) e Produtos Alimentares (31%).



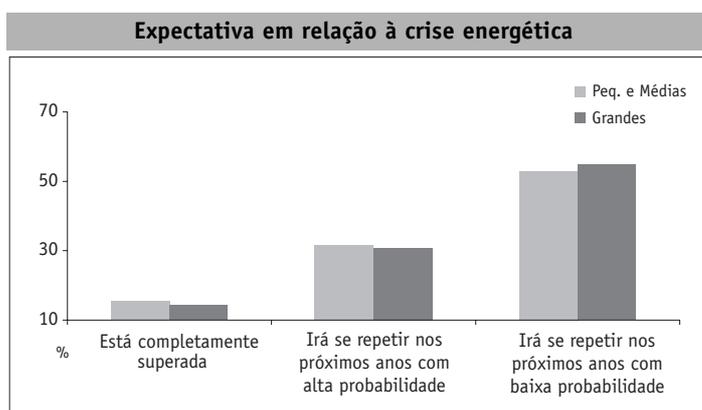
Maioria não alterou os planos de investimento

De um modo geral, as decisões de investimento não foram alteradas pelo racionamento. Além disso, dentre as empresas que o fizeram, 53% das pequenas e médias e 65% das grandes, apenas redirecionaram os investimentos planejados inicialmente. Os resultados regionais e setoriais, contudo, são heterogêneos. No Sul, 75% das empresas não alteraram os planos de investimento, contra 50% no Sudeste. Os setores cujos investimentos foram menos afetados foram Couros e Peles, Papel e Papelão, Material de Transporte e Mecânica. Por outro lado, destaca-se a elevada participação de 43% das empresas do setor de Borracha que declararam redução dos investimentos planejados. Por fim, Química e Produtos Farmacêuticos apresentaram participação bem superior à média de empresas que aumentaram os investimentos (9% e 11%, respectivamente).



A crise energética não é um episódio definitivamente superado

Na opinião da maioria das empresas, a crise energética não é um episódio definitivamente superado: 53% das pequenas e médias empresas e 55% das grandes acreditam que a crise vai se repetir nos próximos anos, mas atribuem ao episódio baixa probabilidade. Já para mais de 30% das empresas, independentemente do porte, a crise tem alta probabilidade de voltar a se repetir. Na Região Norte, os empresários estão mais otimistas que nas demais, posto que 29% acham que a crise está superada e apenas 22% atribuem a sua repetição alta probabilidade.



Essas expectativas afetaram as decisões de investimento das empresas em eficiência energética e no uso de geração própria ou fontes alternativas. Dentre as que acreditam que a crise está superada, 58% não investiram em eficiência. Já entre as que não compartilham dessa opinião, a maioria investiu (cerca de 55%). De forma semelhante, é mais freqüente, dentre as empresas que acreditam em nova ocorrência de crise energética, o uso definitivo de geração própria e de fontes alternativas de energia.

Perfil da amostra: 1.159 pequenas e médias e 238 grandes.
Período de coleta das informações: 27 de junho a 16 de julho de 2002.

EXPEDIENTE: **SONDAGEM INDUSTRIAL**. SONDAGEM TRIMESTRAL DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, Suplemento Especial, Ano 5, nº2, abr./jun. 2002. ISSN 1676-0212 – Publicação trimestral – Coordenação Técnica: Unidade de Política Econômica – Equipe Técnica: Flávio Castelo Branco, Simone Saisse, Renato Fonseca, Edson Velloso, Magaly Albuquerque, Marcos Haddad, Suzana Peixoto e Marcus Fernandes – Coordenação Editorial: Assessoria de Comunicação Social – Supervisão Gráfica: ADM/ Área de Produção Gráfica – Normalização Bibliográfica: UPET/Núcleo de Informação. Informações Técnicas: Tels.: (21) 2204-9566 – E-mail: sondagem@cni.org.br. Assinaturas: Unidade de Relações com o Mercado – Rua Mariz e Barros, 678 – CEP: 20270-002 – Rio de Janeiro - RJ – Tels.: (21) 2204-9500 / 9513 / 9514 – Fax: (21) 2204-9522 – E-mail: sac@cni.org.br. Home page: www.cni.org.br.